

Os caminhos do Jornalismo Cultural e os Suplementos Literários¹

Larissa Bortoluzzi RIGO²

Ivana de Jesus GEHLEN³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo se propôs a percorrer a história do jornalismo cultural, promovendo uma revisão sócio-histórica em âmbitos mundial e nacional, para identificar os pontos de contato entre o jornalismo e a literatura por meio de pesquisa bibliográfica (STUMP, 2005; FONSECA, 2002). Identificamos através da história, o percurso delineado pelo jornalismo cultural até chegar aos chamados suplementos literários ou, cadernos de cultura, como atualmente são chamados no Brasil. Foi possível perceber a influência da literatura que em muitos momentos estabeleceu uma forte relação de proximidade com a produção jornalística noticiosa. Para subsidiar essa reflexão ancoramo-nos em análises sócio-históricas realizadas por Sodré (1999); Piza (2004); Marcondes Filho (2012); Lima (2013); Bahia (1972); Romancini e Lago (2007), dentre outros.

Palavras-chave: História do Jornalismo Impresso; Jornalismo Cultural; Literatura; Caderno de Cultura.

Por meio deste artigo identificamos aspectos evidentes da história do jornalismo cultural em âmbitos mundial, num primeiro momento, e nacional, num segundo. O intuito foi perceber detalhes históricos nesse contexto por meio da influência dos suplementos literários. A metodologia utilizada foi a análise sócio-histórica desse ambiente através de pesquisa bibliográfica, que, segundo Stumpf (2005), refere-se a um conjunto de ações que identificam, selecionam e utilizam documentos de interesse do pesquisador para compor sua pesquisa. Além disso, Fonseca (2002, p. 32), propõe que a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas, objetivando, “[...] recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta”. Para tanto utilizamos autores como: Sodré (1999), Piza (2004), Marcondes Filho

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia (2017).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PUCRS. Bolsista Capes, email: lary_rigo@yahoo.com.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PUCRS. Bolsista Integral Capes, email: ivanagehlen@gmail.com

(2012) e Lima (2013). Obtivemos ainda o aporte teórico e base em Bahia (1972) e Romancini e Lago (2007).

É entendendo esse campo como um lugar de construção historiográfica que fazemos uma composição teórica e conceitual para identificar as nuances literárias que permeiam a presença da cultura nas produções da imprensa. Iniciamos esse percurso delineando como o jornalismo cultural se desenvolveu nos países mais influentes, seguido pela história da imprensa brasileira, abarcada pelo hibridismo do jornalismo com a literatura, até chegar aos suplementos literários/cadernos de cultura.

Perspectiva histórica do Jornalismo Cultural em âmbito mundial

A partir da experiência do jornalista Daniel Piza, podemos elucidar aspectos relevantes a respeito da história do Jornalismo Cultural em âmbito mundial. Em sua obra **Jornalismo Cultural** (2004), o autor relata que o campo apresenta manifestações históricas logo após o Renascimento (início do século 17). Outros movimentos literários (como Iluminismo) e históricos (Revolução Francesa) são relacionados pelo estudioso para demarcar o papel dos escritores e da imprensa, inscritos nos âmbitos da literatura e do jornalismo:

A história da Revolução Francesa (1789) não seria contada sem a história do jornalismo. Como mostram autores como Robert Darnton, foi no caldo de cultura fervido pelos panfletos e pasquins nas ruas das cidades que a Revolução Francesa ganhou vigor e algum rumo (PIZA, 2004, p. 14).

No início, o jornalismo cultural esteve estritamente relacionado à literatura ou, como relata Piza (2004, p. 13), os autores da época de 1726 eram “[...] crias do jornalismo cultural nascente”. As manifestações entre essas duas áreas estão mescladas. Portanto, podemos depreender que desde as primeiras formas de texto já houve a associação entre Jornalismo e Literatura.

Por estar nessa sobrevida (MAZZA, 2007)⁴, também é importante desvelar relações entre o cunho social e histórico no campo do jornalismo cultural. Por isso, consideramos as transformações da palavra impressa em mercadoria (século 18). Para Piza (2004), essa relação foi possível pela popularização do jornalismo, da literatura e da liberdade que ideias

⁴ Luiz Geraldo Mazza utiliza a expressão no texto de abertura da obra organizada por Selma Suely Teixeira, *Jornalismo Cultural: um resgate*.

e temas sociais alcançaram em meio à sociedade. Todas essas práticas se formaram num contexto histórico, posterior ao Absolutismo, em que reflexões ligadas à liberdade de ideias ficaram mais acessíveis à população.

Lima (2013) sinaliza que, em distintos períodos, a liberdade de ideias e espaços para discussões sociais estão relacionadas à prática de leituras jornalísticas e literárias:

Motivadas pelas mesmas mudanças sociais e econômicas, as leituras literária e jornalística têm formas e propósitos diversos. A literária, símbolo da vida privada, deu espaço à reflexão solitária que de outro modo teria sido mais difícil fora dos espaços piedosos, dos Conventos ou das ermidas, equipados para a solidão. Na Idade Média, a leitura era encarada sob o prisma religioso e da preservação da memória; na modernidade, ganhou status de trabalho intelectual. Complementar a esse tipo de leitura, a do jornal é coletiva e social, por excelência. Nos primórdios da Europa moderna, antes da universalização da alfabetização, a leitura em voz alta de veículos impressos era uma forma solitária e política de leitura; o ato de leitura dava espaços a comentários e discussões (LIMA, 2013, p. 20).

Nesse cenário do século 18, de forma mais específica, marcado pelo início da leitura que propicia a proliferação de conhecimentos e a ampliação das informações divulgadas pela imprensa, é que se evidencia o jornalismo cultural em âmbitos nacional e mundial, ou, como propõe Lima, (2013, p. 20): “[...]Quando os textos religiosos já haviam dado lugar a outras formas de escritos, nasceu um híbrido entre a Literatura e a produção noticiosa: o jornalismo cultural” (LIMA, 2013, p. 20).

Tanto para Lima (2013) quanto para Piza (2004), as primeiras criações de jornalismo cultural estão datadas em 1709 e 1711, com a divulgação, respectivamente, dos veículos ingleses, **The Tatler** e **The Spectator**. Com esses jornais, criou-se um espaço de crítica pluralizante consumida essencialmente pela burguesia. Por suprir essa faixa de público vinculado ao burguês, os escritores se profissionalizaram: “[...] Como o principal objetivo do escritor não era mais satisfazer o gosto do Mecenas, tinha que se adequar às leis do mercado capitalista, incentivando a prolixidade dos autores, que eram pagos conforme o número de páginas escritas” (LIMA, 2013, p. 20-21). Assim, a utilização da imprensa, de forma recorrente, ocorreu quando o burguês se tornou leitor e ter acesso as publicações⁵.

⁵ Lima (2013) e Piza (2004) também convergem suas reflexões sob o início da imprensa moderna. Para ambos, ela possui raízes no universo inglês e francês. Da primeira, “[...]vem o relacionamento com o capitalismo. O jornalismo é um produto que funciona na lógica do mercado e ajuda a impulsioná-lo[...].”

Nesse contexto, é possível referenciar, que a história do jornalismo é marcada pela separação das linguagens do jornalismo e da literatura, que culminam no jornalismo cultural. Remetendo-nos a outro autor, Ciro Marcondes Filho (2002), que propõe uma periodização da história do jornalismo, para identificação de cinco grandes períodos, visualizamos a importância deste entendimento para separação das linguagens e dos âmbitos jornalísticos e literários.

O primeiro período apontado por Marcondes Filho (2002, p. 12) corresponde a 1631-1789, quando ocorre uma espécie de pré-história do jornalismo. A figura do jornalista e do escritor nessa fase é indivisível: não há uma linguagem e formatos definidos para o jornal⁶:

Nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para o segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política. É também característica do período a imprensa partidária, na qual os próprios jornalistas eram políticos e o jornal, seu porta-voz. Cada político razoavelmente destacado criava seu clube, cada dois criavam um jornal, escreve Otto Groth. Em Paris, somente entre fevereiro e maio de 1789, surgiram 450 clubes e mais de 200 jornais.

O segundo período, entre 1789-1830, é caracterizado pelas publicações periódicas, usadas com um cunho político rigoroso. Nasceu, então, a profissão do jornalista diferenciada do trabalho do literato. Sob a influência do Iluminismo, as publicações pretendiam a liberdade política e social. “Vem desse período a identificação do jornalista com o intelectual mediador dos processos sociais, capaz de interferir na administração do Estado, com seus textos, em nome da razão, da liberdade e dos direitos humanos” (LIMA, 2013, p. 27).

A ótica do terceiro período, de 1830 a 1900, está marcada pela transformação em corporação, ou seja, a notícia surge como mercadoria. O processo de mercantilização relaciona-se à modernização tecnológica e à ampliação do público, tornando, assim, o jornal um negócio lucrativo. O aumento de assinaturas impôs um novo ritmo de produção para os veículos de comunicação, para jornalistas e escritores: “[...] O jornalismo e a literatura

(LIMA, 2013, p. 24). Já sob a influência da Revolução Francesa, está o papel de combate, o viés político e educativo. “Quando os burgueses da França puseram fim ao *Ancien Régime*, a imprensa foi o instrumento adequado para ridicularizar e denunciar o sistema de governo” (LIMA, 2013, p. 24 grifos do autor).

⁶ Mesmo que os jornais tenham sido utilizados na Revolução Francesa, Lima (2013, p. 12), destaca que “[...] o potencial dos periódicos só foi se formar mais tarde”.

passam a ser produzidos em ritmo industrial, embora já existisse claramente a distinção entre as duas esferas” (LIMA, 2013, p. 27). Mesmo fragmentados, o discurso jornalístico herda do literário a representação do social. “[...] Foi a partir de um tipo específico de literatura que o jornalismo construiu sua linguagem” (LIMA, 2013, p. 27).

O quarto período é definido entre 1900 a 1970 e está caracterizado pela transformação do jornalismo em grande corporação. “O dono do jornal não é mais o político ou intelectual interessado em transformar a sociedade, mas em acumular capital” (LIMA, 2013, p. 28).

O quinto período visualizado por Marcondes Filho (2002) inicia na década de 1970 e é estendido até a atualidade. Sua marca principal é a tecnologia e suas características atendem para as leis de mercado. Lima (2013) enfatiza, para esse período, a perda do ideal iluminista e da emancipação social. Na mesma linha de raciocínio, Marcondes Filho (2002, p. 13) observa que as transformações tecnológicas exigem das empresas jornalísticas a capacidade de se autossustentar: “[...] Pesados pagamentos periódicos para amortizar a modernização de suas máquinas; irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e de fazer política em uma operação que precisará vender muito para se autofinanciar”.

O contexto atribuído Marcondes Filho (2002), Piza (2004) e Lima (2013), nos aponta que existem outros embates que juntaram e separaram o jornalismo e a literatura, mas sobretudo, que essas relações só foram possíveis graças ao contexto atribuído a estes campos e a história da imprensa. Por isso, passamos a tecer informações sobre a história da imprensa brasileira abarcada por meio do jornalismo cultural.

Breve história da imprensa unida à literatura no Brasil

Foi a partir de algumas mudanças relevantes nos rumos da cultura social brasileira que a história da imprensa no Brasil se desenhou. E, compreender os entremeios dessa trajetória é importante para percebermos em que contexto se desenvolve o jornalismo cultural no país.

Um público letrado, já mais acostumado com a leitura de notícias diárias, e, atento para uma fase de consolidação da tipografia no âmbito mundial, contribuíram para que a imprensa se estabelecesse no país mais para o final dos anos 1800. Não muito antes da desvinculação de Portugal, mas ainda sob seu domínio, os moradores do Brasil expandem a

atividade jornalística e, claro, a influência dessa nos rumos da constituição cultural da sua nova sociedade.

Os poucos radicados no Brasil Colônia sabiam ler e nutriam um interesse, portanto, em usufruir da literatura, dos textos noticiosos, da produção intelectual em geral da época. No entanto, era necessária que se fizesse a importação do material impresso das metrópoles de diversos países. Em 1808, Hipólito da Costa já fazia circular, por exemplo, o chamado **Correio Braziliense**, que era editado e impresso em Londres, na Inglaterra. Fato que não estivera isolado, mas que foi um dos marcos para que a imprensa estivesse inscrita no momento em que o Brasil deixa de se caracterizar como uma colônia para ser sede do próprio governo metropolitano, com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro. “Na bagagem do Príncipe Regente de Portugal incluíam-se prelos e material tipográfico que haviam sido encomendados na Inglaterra e destinavam a uma repartição de Lisboa” (BAHIA, 1972, p. 13).

Mas, segundo Romancini e Lago (2007), ainda antes disso, houve contribuição holandesa na tentativa de introduzir a tipografia no Brasil, pois a Holanda ocupou o nordeste do país entre 1630 e 1655, e sentia a necessidade de uso de tipógrafos, no entanto, não se sabe se estava sendo disponibilizado maquinário para tal fato:

O certo é que um tipógrafo português, Antônio Isidoro da Fonseca, instalou uma oficina completa de tipografia no Rio de Janeiro, em 1746, que imprimiu alguns folhetos e talvez livros. Isidoro fora, em Portugal, editor das obras do dramaturgo Antônio José da Silva, “O Judeu”, entre outros importantes trabalhos. Era um editor conhecido, e sua vinda ao Brasil provavelmente deve-se a um convite do governador do Rio na época, interessado em estimular a vida intelectual na cidade. (ROMACINI e LAGO, 2007, p. 17)

O incentivo à cultura por meio da leitura intelectual, sofreu atrasos, porque não era interesse de muitos dos representantes vigentes e suas instituições que se expandisse o conhecimento, o pensamento dentre um povo em fase de constituição. De acordo com Sodré (1999), o livro e sua técnica, por exemplo, assumiram pouco depois do surgimento do Brasil, um caráter de promulgador da heresia, dizia-se que atrairia maldições e condenações.

Instrumento herético, o livro foi, no Brasil, visto sempre com extrema desconfiança, só natural nas mãos dos religiosos e até aceito apenas como

peculiar ao seu ofício, e a nenhum outro. As bibliotecas existiam nos mosteiros e colégios, não nas casas particulares. Mas ainda aquelas foram pouquíssimas, de livros necessários à prática, constituindo exceção mesmo os edificantes (SODRÉ, 1999, p. 11).

Esse reflexivo da censura, e diversos outros fatores socioculturais contribuíram para um certo atraso, em relação a outros países, da implementação da imprensa no Brasil. Dentre eles podemos registrar aqui: a natureza feitorial da colonização que focava na produção de bens para o mercado externo; a língua variante do tupi, ainda bem presente nas zonas rurais, assim como as práticas, o que ocasionava uma bilateralidade no processo aculturativo e a baixa iniciativa estatal portuguesa. Nada disso estimulava a necessidade do meio tipográfico e sua expansão.

Quando se aproxima a Independência do Brasil, a imprensa já está ganhando força e colabora com o sentimento geral de autonomia de um povo, fazendo surtir o debate a respeito dessa necessidade. Já são meados dos anos 1820 e 1830, e dentre fatores econômicos, principalmente, e políticos, emerge um jornalismo de opinião e com caráter hegemônico, de certa forma, como se evidenciava, por exemplo, nos chamados Pasquins, que ajudaram a incorporar no periodismo os cartunistas, chargistas, as crônicas, e tantos outros gêneros que iam além dos relatos noticiosos.

Na sequência dos primeiros passos da palavra impressa, o periodismo permaneceu como formato preferencial de uma imprensa significativamente voltada as causas políticas e em menor escala para manifestações literárias. Mas, ampliavam-se suas funções como prestadora de serviços, num quadro econômico e social mais complexo, que permitiram a alguns de seus órgãos transformarem-se em empresas (MARTINS, 2011, p. 45).

Mas ainda esse não era o período de consolidação da segmentação de público, pois a educação formal ainda não era expandida nos primeiros anos do Império. No entanto, em relação à segmentação temática já estava sendo delineada nessa parcela da sociedade que se tornava, aos poucos, mais complexa. Isso ocorre devido à expansão dos chamados aparelhos administrativos, do aumento do quadro burocrático e, claro, do aumento da população. “Em todos esses circuitos o papel relevante acrescido de outra função imprescindível: veículo de divulgação de anúncios de todo o teor, numa sociedade que ingressava na oferta e procura de serviços diversos” (MARTINS, 2011, p. 46).

E, era justamente nos tempos de reprodutibilidade técnica, que se colocava em cheque o papel e função do intelectual. Eram discutidas, portanto, as qualificações e habilidades necessárias cuja produção afetava a prática da escrita. Surgiam novas tecnologias e se diferenciava a reprodução de imagem e som, além do fazer literário que se alterou significativamente com o periodismo.

E, mais, literatura e jornalismo seriam complementares ou excludentes? Nesse sentido, João do Rio achou pertinente incluir no questionário que submeteu às figuras mais destacadas da República das Letras, a seguinte questão: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mal para a arte literária?” (ELEUTÉRIO, 2011, p. 93).

Os retornos para a indagação de João do Rio⁷ teriam sido variados, conforme Eleutério (2011), no entanto, as redações estavam abertas e ofereciam remuneração. Quem escrevia na imprensa seja literato ou não, tinha isso não somente como uma forma de ganhar a vida, mas como instrumento de legitimação, distinção e, talvez até, poder político. Para Sodré (1999, p. 292), isso ocorria por que “os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam nos livros: notoriedade, em primeiro lugar”.

Portanto, até 1950, jornalismo e literatura eram áreas dependentes, sobretudo, porque escritores trabalhavam em jornais e jornalistas se dedicavam a textos que tinham o caráter essencialmente literário. No entanto, nessa época, semelhante ao contexto estadunidense de separar a informação da opinião e fazendo uma alusão à Teoria do Espelho – em que o jornalismo opera como um espelho da realidade e, por isso, vinculado ao mito da (im)parcialidade – os veículos tiveram que se adaptar a essas ‘regras’ e separar os textos jornalísticos daqueles não-jornalísticos (informação e opinião). Para Lima (2013, p. 40), “a opinião e a crítica tiveram um espaço em seções especializadas nas páginas dos jornais, separadas do noticiário, como se fossem produtos a parte, independentemente da equipe de jornalistas que fazem o jornal”. Com essa separação, a história do jornalismo cultural, acaba se voltando para espaços como os suplementos literários, por isso, passamos, no próximo item, a tecer comentários sobre essas produções.

⁷ João do Rio foi um jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro, autor de O Movimento Literário, editado pela Garnier, no Rio de Janeiro, em 1918.

O jornalismo cultural brasileiro sob a influência de suplementos literários

Com a separação entre áreas, os jornalistas, para não misturar conteúdos de caráter opinativo e informativo, acabaram criando suplementos literários. “Se até a década de 1950 a crítica era um produto fácil de encontrar nas páginas do jornal, daí em diante ela foi parar nos cadernos culturais e nos suplementos” (LIMA, 2013, p. 40). Golin e Cardoso (2010, p. 185) demarcam os Cadernos de Cultura sob o segmento do Jornalismo Cultural, um “espaço público de produção intelectual”.

O jornalismo cultural, em diversas partes do mundo, constitui, dessa maneira, uma “plataforma interpretadora” sobre a cultura e o pensamento de uma época. Os autores fazem um percurso em ordem cronológica para localizar os suplementos literários/cadernos de cultura. No Brasil, seguindo esse movimento, o surgimento destes ocorre entre as décadas de 1950 e 1960. Uma das maiores marcas desse segmento foi o “Suplemento Literário” de **O Estado de São Paulo**, em 1956. A primeira fase desses cadernos esteve atrelada ao que Lorenzotti (2007) coloca como uma relação mais estreita com a literatura e as artes. Já, a partir da década de 1970, os cadernos enfrentaram uma segunda fase, inscrita em alterações de produção e conteúdo:

O modelo dos “segundos cadernos”, no entanto, consolidou-se na década de 1980, quando a grande maioria dos jornais de médio e grande porte passou a circular com um encarte diário de cultura (GADINI, 2003). Ao mesmo tempo, ocorreram alterações significativas no design gráfico, valorizando a imagem em composições mais leves e ousadas. A Ilustrada, suplemento diário da Folha de S.Paulo – e que refletia o projeto editorial da Folha gestado no final dos anos 1970 (ROMANCINI; LAGO, 2007) –, traduziu uma estratégia mercadológica que apresentava os bens culturais com base em critérios como grandes audiências, internacionalização, serviço e hibridações entre o erudito e o popular. (GOLIN; CARDOSO, 2010, p. 192)

Nas décadas de 1980 e 1990, ocorreu o contexto de crise financeira a que empresas jornalísticas passaram, assim com equipes menores nas redações, os espaços para cultura ficaram centrados no que os autores intitulam de “divulgação do celebrismo” (GOLIN, CARDOSO, 2010, p. 191-92). Assim, marcados por essa transição, passaram então, ao “celebrismo”, fortalecendo a cobertura televisiva e aos programas de lazer: “Mantêm-se, em

geral, sintonizados e pautados pelos lançamentos do mercado editorial e pela agenda midiática”. (GOLIN, CARDOSO, 2010, p. 190).

Nesse contexto de alterações sociais que influenciam as práticas, do ponto de vista histórico, Lima (2013) destaca a reorganização necessária dos suplementos frente aos processos que envolveram a indústria cultural⁸. Por exemplo, nas décadas de 1950-60, a definição de cultura popular estava ligada a centros populares, poesia, teatros, ao contrário da década de 1970, que relaciona o popular ao mercado, a programas televisivos, voltados ao consumo da massa, isto é, a ótica do entretenimento. Todo esse contexto se ampliou ainda mais na década de 1990, com o início da televisão por assinatura e com a proliferação da internet.

Com essa tendência, surgem, a partir da metade do século XX, as fusões entre grupos internacionais da mídia. “Os veículos tradicionais, além de serem afetados pela concentração do capital das empresas, foram prejudicados pelo incremento das novas tecnologias da comunicação” (LIMA, 2013, p. 28). Os textos dos periódicos moldam-se, nesse cenário, a uma linguagem que é capaz de ser consumida em escala industrial, objetivando a mecanização da produção jornalística.

As demarcações históricas e sociais atribuídas por Lima (2013) e Marcondes Filho (2002) ao desenvolvimento do jornalismo assinalam para os processos de transformação tanto do jornalismo quanto da literatura ao longo dos anos.

Considerações preliminares

Percorrendo o trajeto da breve história do jornalismo cultural no Brasil e no mundo, fica evidente a forte influência da literatura, já que essa estabelecia uma relação de proximidade com a produção jornalística noticiosa. Literatos e jornalistas apresentavam-se de forma intrincada nas páginas dos jornais tencionando um tipo híbrido de atuação. E, observando o percurso da história da imprensa por um viés mais pontual do jornalismo cultural é possível observar que a sua contribuição para abordagens latentes no que diz

⁸O entendimento de indústria cultural é subsidiado por Hohlfeldt (2006, p. 03): “A imprensa empresarial, iniciada ainda ao longo do período do Estado Novo, culmina, na década de 70, com a indústria cultural e a presença dos grandes grupos de comunicação. Nesse período, as empresas jornalísticas vão procurar se modernizar cada vez mais, adquirindo maquinário, ampliando a competição entre elas e, enfim, buscando uma crescente aproximação com o seu público, o que vai bem além da simples função jornalística da informação e da opinião”.

respeito à cultura está estritamente relacionado ao surgimento dos suplementos literários na década de 1950 no Brasil. A criação desses espaços só foi possível por meio da influência que a história da imprensa mundial (contexto estadunidense) teve na separação entre opinião e informação nos periódicos brasileiros. Com essa distinção os suplementos literários tornam-se a principal vertente do jornalismo cultural ainda vigente no Brasil.

Portanto, a reconstrução histórica, que passeia pelas criações dos principais veículos de comunicação nos séculos 18, 19 e 20, nos permite perceber pontos de contato entre as áreas de literatura e jornalismo, hoje bem mais apartadas, e que fizeram surgir os suplementos literários, que atualmente são chamados de cadernos de cultura. A nomenclatura mais atual advém do fato de que não só a literatura é contemplada nesses espaços, mas também outras manifestações culturais como o cinema, o teatro, a música, a arte e as políticas de incentivo cultural. A tendência atual, então, é fruto de um processo histórico em que o jornalismo exerce um importante papel na disseminação da cultura, nas diversas camadas sociais.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. **Jornal**: história e técnica. 3. ed.rev.ampl. São Paulo: IBRASA, 1972.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. In: MARTINS, Ana Luiza; e LUCA, Tania Regina de. (Orgs) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 83-102.
- FONSECA, João J. Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GOLIN, Cida; TORRES, Everton. **Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural**: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (Orgs). Economia da arte e da cultura. São Paulo: Itaú Cultural; São Leopoldo: Cepos/Unisinos; Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS; São Cristóvão: Obscom/UFS, 2010. P. 184-203
- HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, Compós, 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/118/117>> Acesso em: 03 jan. 2017.
- LIMA, Marcelo. **Jornalismo Cultural e Crítica**: A Literatura brasileira no Suplemento Mais! Curitiba: Editora UFPR; Chapecó: ARGOS, 2013.
- LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz!:** 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hackers, 2002.

MARTINS, Ana Luiza. In: MARTINS, Ana Luiza; e LUCA, Tania Regina de. (Orgs) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 45-80.

ROMANCINI, Richard; e LAGO, Claudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa Bibliográfica**. In: Jorge Duarte e Antônio Barros (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. 380p.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.